

SIGMUND

# FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 6

TRÊS ENSAIOS SOBRE  
A TEORIA DA SEXUALIDADE,  
ANÁLISE FRAGMENTÁRIA  
DE UMA HISTERIA (“O CASO DORA”)  
E OUTROS TEXTOS

**(1901-1905)**

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2016 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volume v (Londres: Imago, 1942). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe*, Frankfurt: Fischer, 2000.

Capa e projeto gráfico  
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:  
Vênus, Roma, séc. I ou II d.C., 12,5 cm

Deusa Bastet, Egito tardio, 600-332 a.C., 16,9 cm

Freud Museum, Londres

Preparação  
Célia Euvaldo

Índice remissivo  
Luciano Marchiori

Revisão  
Huendel Viana  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : *Gesammelte Werke*.

ISBN 978-85-359-2783-2

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia I. Título.

16-06034

CDD-150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund, Freud : Obras completas

150.1952

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](https://twitter.com/ciadasletras)

# SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) 13

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO 14

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO 14

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO 16

I. AS ABERRAÇÕES SEXUAIS 20

1. DESVIOS NO TOCANTE AO OBJETO SEXUAL 21

2. DESVIOS RELATIVOS À META SEXUAL 40

3. OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE AS PERVERSÕES 55

4. O INSTINTO SEXUAL NOS NEURÓTICOS 59

5. INSTINTOS PARCIAIS E ZONAS ERÓGENAS 66

6. EXPLICAÇÃO DA APARENTE PREDOMINÂNCIA DA SEXUALIDADE  
PERVERSA NAS PSICONEUROSES 69

7. INDICAÇÃO DO INFANTILISMO DA SEXUALIDADE 71

II. A SEXUALIDADE INFANTIL 73

[1] O PERÍODO DE LATÊNCIA SEXUAL DA INFÂNCIA  
E SUAS INTERRUPTÕES 78

[2] AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL 82

[3] A META SEXUAL DA SEXUALIDADE INFANTIL 87

[4] AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS MASTURBATÓRIAS 90

[5] A PESQUISA SEXUAL INFANTIL 103

[6] FASES DE DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SEXUAL 107

[7] FONTES DA SEXUALIDADE INFANTIL 111

III. AS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE 121

[1] O PRIMADO DAS ZONAS GENITAIS E O PRAZER PRELIMINAR 122

[2] O PROBLEMA DA EXCITAÇÃO SEXUAL 129

[3] A TEORIA DA LIBIDO 135

[4] DIFERENCIAÇÃO DE HOMEM E MULHER 138

[5] A DESCOBERTA DO OBJETO 142

RESUMO 155

**ANÁLISE FRAGMENTÁRIA DE UMA HISTERIA**

**["O CASO DORA", 1905 [1901]]** 173

PREFÁCIO 174

I. O QUADRO CLÍNICO 183

II. O PRIMEIRO SONHO 246

III. O SEGUNDO SONHO 284

POSFÁCIO 307

**O MÉTODO PSICANALÍTICO DE FREUD (1904)** 321

**PSICOTERAPIA (1905)** 331

**MEUS PONTOS DE VISTA SOBRE O PAPEL DA SEXUALIDADE**

**NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1906)** 348

**PERSONAGENS PSICOPÁTICOS NO TEATRO**

**(1942 [1905 OU 1906])** 361

**TEXTOS BREVES (1903-1904)** 370

RESENHA DE *OS FENÔMENOS PSÍQUICOS COMPULSIVOS*,

DE L. LÖWENFELD 371

TRÊS COLABORAÇÕES PARA O JORNAL *NEUE FREIE PRESSE* 376

RESENHA DE *LUTANDO CONTRA OS BACILOS DO CÉREBRO*,

DE GEORG BIEDENKAPP 376

RESENHA DE *O MISTÉRIO DO SONO*, DE JOHN BIGELOW 377

OBITUÁRIO DO PROF. S. HAMMERSCHLAG 378

**ÍNDICE REMISSIVO** 380

## ESTA EDIÇÃO

Esta edição das obras completas de Sigmund Freud pretende ser a primeira, em língua portuguesa, traduzida do original alemão e organizada na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos.

A afirmação de que são obras completas pede um esclarecimento. Não se incluem os textos de neurologia, isto é, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Isso porque o próprio autor decidiu deixá-los de fora quando se fez a primeira edição completa de suas obras, nas décadas de 1920 e 30. No entanto, vários textos pré-psicanalíticos, já psicológicos, serão incluídos nos dois primeiros volumes. A coleção inteira será composta de vinte volumes, sendo dezenove de textos e um de índices e bibliografia.

A edição alemã que serviu de base para esta foi *Gesammelte Werke* [Obras completas], publicada em Londres entre 1940 e 1952. Agora pertence ao catálogo da editora Fischer, de Frankfurt, que também recolheu num grosso volume, intitulado *Nachtragsband* [Volume suplementar], inúmeros textos menores ou inéditos que haviam sido omitidos na edição londrina. Apenas alguns deles foram traduzidos para a presente edição, pois muitos são de caráter apenas circunstancial.

A ordem cronológica adotada pode sofrer pequenas alterações no interior de um volume. Os textos considerados mais importantes do período coberto pelo volume, cujos títulos aparecem na página de rosto, vêm em primeiro lugar. Em uma ou outra ocasião, são reu-

nidos aqueles que tratam de um só tema, mas não foram publicados sucessivamente; é o caso dos artigos sobre a técnica psicanalítica, por exemplo. Por fim, os textos mais curtos são agrupados no final do volume.

Embora constituam a mais ampla reunião de textos de Freud, os dezessete volumes dos *Gesammelte Werke* foram sofrivelmente editados, talvez devido à penúria dos anos de guerra e de pós-guerra na Europa. Embora ordenados cronologicamente, não indicam sequer o ano da publicação de cada trabalho. O texto em si é geralmente confiável, mas sempre que possível foi cotejado com a *Studienausgabe* [Edição de estudos], publicada pela Fischer em 1969-75, da qual consultamos uma edição revista, lançada posteriormente. Trata-se de onze volumes organizados por temas (como a primeira coleção de obras de Freud), que não incluem vários textos secundários ou de conteúdo repetido, mas incorporam, traduzidas para o alemão, as apresentações e notas que o inglês James Strachey redigiu para a *Standard edition* (Londres, Hogarth Press, 1955-66).

O objetivo da presente edição é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise, que devem ser buscadas na imensa bibliografia sobre o tema. Informações sobre a gênese de cada obra também podem ser encontradas na literatura secundária. Para questionamentos de pontos específicos e do próprio conjunto da teoria freudiana, o leitor deve recorrer à literatura crítica de M. Macmillan, A. Grünbaum, J. Van Rillaer, H. J. Eysenck e outros.

A ordem de publicação destas *Obras completas* não é a mesma daquela das primeiras edições alemãs, pois isso implicaria deixar várias coisas relevantes para muito depois. Decidiu-se começar por um período intermediário e de pleno desenvolvimento das concepções de Freud, em torno de 1915, e daí proceder para trás e para adiante.

Após o título de cada texto há apenas a referência bibliográfica da primeira publicação, não a das edições subsequentes ou em outras línguas, que interessam tão somente a alguns especialistas. Entre parênteses se acha o ano da publicação original; havendo transcorrido mais de um ano entre a redação e a publicação, a data da redação aparece entre colchetes. As indicações bibliográficas do autor foram normalmente conservadas tais como ele as redigiu, isto é, não foram substituídas por edições mais recentes das obras citadas. Mas sempre é fornecido o ano da publicação, que, no caso de remissões do autor a seus próprios textos, permite que o leitor os localize sem maior dificuldade, tanto nesta como em outras edições das obras de Freud.

As notas do tradutor geralmente informam sobre os termos e passagens de versão problemática, para que o leitor tenha uma ideia mais precisa de seu significado e para justificar em alguma medida as soluções aqui adotadas. Nessas notas são reproduzidos os equivalentes achados em algumas versões estrangeiras dos textos, em línguas aparentadas ao português e ao alemão. Não utilizamos as duas versões das obras completas já aparecidas em português, das editoras Delta e Imago, pois

não foram traduzidas do alemão, e sim do francês e do espanhol (a primeira) e do inglês (a segunda).

No tocante aos termos considerados técnicos, não existe a pretensão de impor as escolhas aqui feitas, como se fossem absolutas. Elas apenas pareceram as menos insatisfatórias para o tradutor, e os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, exemplificando. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita.

P.C.S.



# TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905)

TÍTULO ORIGINAL: *DREI ABHANDLUNGEN ZUR  
SEXUALTHEORIE*. PUBLICADO PRIMEIRAMENTE  
EM VOLUME AUTÔNOMO: LEIPZIG E VIENA:  
DEUTICKE, 1905, 87 PP. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE  
WERKE*V, PP. 163-286, E DE *STUDIENAUSGABE*  
V, PP. 37-145.

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

O autor não se ilude acerca das lacunas e obscuridades desta pequena obra, mas resistiu à tentação de nela inserir os resultados de pesquisa dos últimos cinco anos, estragando-lhe a unidade e o caráter de documento. Portanto, reproduz o texto original com alterações mínimas e se contenta em acrescentar algumas notas de rodapé, que se distinguem das anteriores por um asterisco. De resto, é seu firme desejo que este livro envelheça rapidamente, pela aceitação geral daquilo que trouxe de novo e pela substituição de suas imperfeições por teses mais corretas.

Viena, outubro de 1909.

## PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Após observar durante uma década a recepção e o efeito que este livro teve, eu gostaria de acrescentar à sua terceira edição algumas observações preliminares, voltadas para os mal-entendidos e as expectativas inatingíveis que suscitou. Ressalte-se, antes de tudo, que a exposição nele encontrada parte inteiramente da experiência médica cotidiana, a qual os resultados da investigação psicanalítica devem aprofundar e tornar cientificamente significativa. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* não podem conter senão o que a psicanálise obriga a supor ou permite confir-

mar. Por isso, está fora de questão que eles venham a ser ampliados para formar uma “teoria da sexualidade”, e é compreensível que não se manifestem acerca de vários problemas importantes da vida sexual. Mas não se creia, por causa disso, que tais capítulos omitidos desse grande tema sejam desconhecidos do autor, ou tenham sido por ele negligenciados como coisa secundária.

O fato de este livro depender das observações psicanalíticas que induziram à sua redação se mostra não apenas na escolha do material, mas também no seu arranjo. É sempre mantida determinada sucessão de instâncias: os fatores acidentais são colocados na frente, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético. Pois o elemento acidental desempenha o papel principal na análise, é por ela subjugado quase completamente. O elemento disposicional somente aparece atrás dele, como algo que é despertado pelas vivências; no entanto, sua avaliação leva muito além do campo de trabalho da psicanálise.

É semelhante a relação entre ontogênese e filogênese. A primeira pode ser vista como repetição da segunda, na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. A disposição filogenética se faz notar por trás do evento ontogenético. No fundo, porém, a disposição é justamente o precipitado de uma vivência mais antiga da espécie, vivência à qual vem se acrescentar, como soma dos fatores acidentais, a mais nova vivência do indivíduo.

Além da dependência geral da pesquisa psicanalítica, devo ressaltar como característica deste meu trabalho a independência proposital em relação à pesquisa biológica. Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral ou da de espécies animais particulares neste estudo, relativo à função sexual do ser humano e possibilitado pela técnica da psicanálise. Minha meta, de toda forma, era verificar o quanto se pode conhecer sobre a biologia da vida sexual humana com os meios da pesquisa psicológica. Pude indicar pontos de contato e concordâncias que resultaram dessa investigação, mas não precisei desviar-me de meu curso quando o método psicanalítico, em vários pontos importantes, levou a opiniões e resultados que se afastavam consideravelmente daqueles baseados apenas na biologia.

Nesta terceira edição fiz bastantes acréscimos, mas decidi não marcá-los com sinais próprios, como na edição anterior. O trabalho científico em nosso campo reduziu agora o seu ritmo de progresso, mas eram indispensáveis determinados acréscimos a este livro, para que permanecesse em sintonia com a literatura psicanalítica mais recente.

Viena, outubro de 1914.

## **PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO**

Agora que cessou a tempestade da guerra podemos ve-

rificar, com satisfação, que o interesse pela investigação psicanalítica permaneceu incólume no mundo. Mas nem todas as partes da teoria tiveram o mesmo destino. As colocações e indagações puramente psicológicas da psicanálise, sobre o inconsciente, a repressão, o conflito que leva à doença, o ganho derivado da doença, os mecanismos da formação de sintomas etc., gozam de reconhecimento crescente e são consideradas inclusive por aqueles que a ela se opõem em princípio. A porção da teoria que confina com a biologia, cujos fundamentos são dados neste pequeno livro, continua a suscitar o mesmo antagonismo e levou inclusive pessoas que durante certo tempo haviam se ocupado intensamente da psicanálise a abandoná-la e adotar novas concepções, em que o papel do fator sexual na vida psíquica normal e patológica seria novamente restringido.

Entretanto, não posso me decidir a crer que essa parte da teoria psicanalítica se distancie muito mais que a outra da realidade a ser descoberta. A recordação e a verificação sempre renovada me dizem que ela nasceu de observações igualmente cuidadosas e despreconcebidas, e não é difícil explicar tal discrepância no reconhecimento público. Em primeiro lugar, os começos da vida sexual humana aqui descritos podem ser confirmados apenas por aqueles pesquisadores que tenham paciência e habilidade técnica suficientes para levar a análise até os primeiros anos da infância do paciente. E com frequência não há possibilidade de fazer isso, pois a prática médica exige uma resolução aparentemente mais rápida do

caso. Os que não são médicos praticantes da psicanálise não têm acesso a esse campo, nem possibilidade de formar um juízo que não seja influenciado por suas próprias aversões e preconceções. Se as pessoas fossem capazes de aprender com a observação direta das crianças, estes três ensaios poderiam muito bem não ter sido escritos.

Mas também é preciso lembrar que algumas coisas deste livro — a ênfase na importância da vida sexual em todas as realizações humanas e a tentativa de ampliação do conceito de sexualidade — sempre constituíram os mais fortes motivos para a resistência à psicanálise. Necessitando de lemas altissonantes, os críticos chegaram a falar do “pansexualismo” da psicanálise e a fazer a objeção absurda de que ela explica “tudo” pela sexualidade. Poderíamos nos espantar com isso, se fôssemos capazes de esquecer como os fatores afetivos tornam os indivíduos confusos e esquecidos. Pois há algum tempo o filósofo Arthur Schopenhauer fez ver aos homens o quanto seus atos e esforços são determinados por impulsos sexuais, no sentido habitual do termo, e é impossível que tantos leitores pudessem apagar inteiramente do espírito uma admoestação tão forte! No que toca à “expansão” do conceito de sexualidade, que a análise de crianças e dos assim chamados perversos tornou necessária, todos os que olham desdenhosamente para a psicanálise, de uma posição de superioridade, deveriam ter em mente como a sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do *Eros* do divino Platão (cf. Nachman-

sohn, *Freuds Libidotheorie verglichen mit der Eroslehre Platos* [A teoria freudiana da libido comparada com a teoria do Eros, de Platão], *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, III, 1915).

Viena, maio de 1920.

## I. AS ABERRAÇÕES SEXUAIS<sup>1</sup>

A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um “instinto sexual”.\* Nisso faz-se analogia com o instinto de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra “fome”; a ciência emprega “*libido*”.<sup>2</sup>

1 As informações contidas no primeiro ensaio foram retiradas das conhecidas publicações de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Schrenck-Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, I. Bloch e M. Hirschfeld, e dos trabalhos do *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* [Anuário de estágios sexuais intermediários], editado por este último. Como o restante da bibliografia sobre o tema é apresentado nessas obras, pude poupar-me referências detalhadas. [Acrescentado em 1910:] Os conhecimentos sobre invertidos, alcançados com a pesquisa psicanalítica, baseiam-se em comunicações de I. Sadger e em minha própria observação.

\*No original, *Geschlechtstrieb*, formado de *Geschlecht*, “sexo”, e *Trieb*; note-se que este último termo, tão discutido na psicanálise, é aqui usado tanto para o ser humano como para os animais. Há quem recorra sistematicamente a “impulso” para traduzir *Trieb*, evitando “instinto” e “pulsão”; mas nesta coleção ele já é usado para *Regung*, *Drang*, *Impuls* e, às vezes, *Strebung*; apenas excepcionalmente o empregamos para *Trieb*. Uma discussão desse termo e de suas possíveis traduções se acha em Paulo César de Souza, *As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. revista, 2010. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

2 [Nota acrescentada em 1910:] A única palavra equivalente em alemão, *Lust* [prazer, desejo], é ambígua, infelizmente, pois designa tanto a sensação da necessidade como a da satisfação.



A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou, pelo menos, as ações que se acham no caminho para ela.

Mas temos motivos para ver nessas informações um quadro infiel da realidade; a um exame mais atento, elas se mostram plenas de erros, imprecisões e conclusões precipitadas.

Vamos introduzir duas expressões técnicas: se denominarmos *objeto sexual* a pessoa da qual vem a atração sexual, e *meta sexual* a ação à qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada.

## 1. DESVIOS NO TOCANTE AO OBJETO SEXUAL

A teoria popular do instinto sexual tem uma bela correspondência na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades — homem e mulher —, que buscam unir-se novamente no amor. Resulta em grande surpresa, então, saber que existem homens para os quais o objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher. Tais pessoas são

chamadas *Konträrsexuale*,\* ou melhor, invertidos [*Invertierte*], o fato sendo o da *inversão*. O número dessas pessoas é considerável, embora haja dificuldades em estabelecê-lo com precisão.<sup>3</sup>

## A) A INVERSÃO

COMPORTAMENTO DOS INVERTIDOS As pessoas em questão se comportam de maneira diversa em diferentes aspectos.

a) São *absolutamente* invertidas, ou seja, seu objeto sexual pode ser apenas do mesmo sexo, enquanto o sexo oposto não é jamais objeto de anseio sexual para elas, deixando-as frias ou mesmo lhes causando aversão. Sendo homens, essa aversão os torna incapaz de perfarzer o ato sexual normal ou de nele sentir prazer.

b) São invertidos *anfígenos* (hermafroditas psicossociais), isto é, seu objeto sexual tanto pode pertencer ao mesmo sexo como ao outro; falta o caráter de exclusividade à inversão.

c) São invertidos *ocasionais*, ou seja, em determinadas condições externas — entre as quais se acham,

\* Termo antigo, agora em desuso, que significa algo como “de sexualidade contrária”.

3 Sobre essas dificuldades, assim como as tentativas de verificar a proporção dos invertidos, ver o trabalho de M. Hirschfeld no *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, 1904 [“Statistische Untersuchungen über den Prozentsatz der Homosexuellen”, “Investigações estatísticas sobre a percentagem de homossexuais”].

primeiramente, a inacessibilidade do objeto sexual normal e a imitação — podem tomar uma pessoa do mesmo sexo como objeto sexual e ter satisfação com ela no ato sexual.

Além disso, os invertidos variam bastante em seu julgamento sobre a peculiaridade de seu instinto sexual. Alguns veem com naturalidade a inversão, tal como o indivíduo normal vê a direção de sua libido, e afirmam energeticamente que é tão legítima quanto a normal. Outros, porém, rebelam-se contra o fato da sua inversão, sentindo-a como obsessão patológica.<sup>4</sup>

Outras variações dizem respeito às circunstâncias de tempo. A particularidade da inversão num indivíduo pode datar desde o início, até onde sua memória alcança, ou haver sido notada por ele apenas em determinado período antes ou após a puberdade.<sup>5</sup> Essa característica pode se conservar por toda a vida, recuar temporariamente ou representar um episódio no caminho para o desenvolvimento normal; e pode também se manifestar só tardiamente na vida, após o transcurso de um longo período de atividade sexual normal. Também já se

4 Tal revolta contra a compulsão à inversão poderia ser a precondição para a influência mediante o tratamento por sugestão [acrescentado em 1909:] ou a psicanálise.

5 Vários autores já destacaram, acertadamente, que não são confiáveis os dados autobiográficos dos invertidos sobre a época em que surgiu a tendência à inversão, pois eles podem ter reprimido de sua memória as evidências de sua sensibilidade homossexual. [Acrescentado em 1909:] A psicanálise confirmou essa suspeita nos casos a que teve acesso e alterou decisivamente sua anamnese, ao preencher a amnésia da infância.

observou uma oscilação periódica entre o objeto sexual normal e o invertido. De particular interesse são os casos em que a libido se altera no sentido da inversão, depois que o indivíduo teve uma experiência dolorosa com o objeto sexual normal.

Em geral, essas diferentes séries de variações coexistem de maneira independente. Quanto à forma extrema, pode-se quase sempre supor que a inversão está presente desde uma época tenra e que a pessoa se sente em harmonia com sua peculiaridade.

Muitos autores se negariam a reunir num conjunto os casos aqui enumerados, preferindo ressaltar as diferenças em vez das semelhanças entre esses grupos, algo relacionado ao juízo que favorecem a respeito da inversão. No entanto, por mais que se justifiquem as diferenciações, não se pode ignorar a existência de inúmeros graus intermediários, de modo que a constituição de séries praticamente se impõe por si mesma.

**CONCEPÇÃO DA INVERSÃO** O primeiro entendimento da inversão consistiu em vê-la como um indício inato de degeneração nervosa, e se harmonizava com o fato de os observadores médicos a terem encontrado primeiramente em doentes nervosos ou em pessoas que davam a impressão de sê-lo. Nessa caracterização há duas coisas que devem ser apreciadas separadamente: o caráter inato e a degeneração.

**DEGENERACÃO** A degeneração está sujeita às críticas que se fazem ao uso indiscriminado do termo. Tornou-

-se costume atribuir à degeneração todo tipo de manifestação patológica que não seja claramente traumática ou infecciosa. A classificação que Magnan\* propôs dos degenerados tornou possível a aplicação do conceito de degeneração até mesmo a uma excelente configuração geral do funcionamento nervoso. Assim sendo, pode-se perguntar que utilidade e que novo conteúdo possui realmente o diagnóstico de “degeneração”. Parece mais adequado *não* falar de degeneração:

1) quando vários desvios sérios da norma não se apresentarem simultaneamente;

2) quando as capacidades de funcionamento e de existência não parecerem seriamente comprometidas.<sup>6</sup>

Vários fatos demonstram que os invertidos não são degenerados no sentido legítimo:

1) Encontramos a inversão em pessoas que não exibem outros desvios sérios da norma.

2) O mesmo ocorre em pessoas que não têm a capacidade de funcionamento prejudicada, pelo contrário, que se distinguem por elevado desenvolvimento intelectual e cultura ética.<sup>7</sup>

\* Valentin Magnan (1835-1916): psiquiatra francês.

6 Com que reserva deve ser feito o diagnóstico de degeneração, e que pouca importância prática ele tem, pode-se ver nas seguintes palavras de Moebius (Über Entartung, *Grenzfragen des Nervens- und Seelenlebens*, 3, 1900): “Se agora olhamos para o vasto campo da degeneração, sobre o qual aqui lançamos algumas luzes, logo compreendemos que é de escasso valor diagnosticar a degeneração”.

7 É preciso conceder aos porta-vozes do “uranismo” que alguns dos homens mais proeminentes de que temos notícia eram invertidos, talvez invertidos absolutos.

3) Se não consideramos os pacientes de nossa experiência médica e buscamos abranger um círculo mais amplo, deparamos, lançando o olhar em direções distintas, com fatos que não permitem conceber a inversão como sinal de degeneração.

a) É preciso levar em conta que a inversão era um fenômeno frequente, quase uma instituição dotada de funções importantes, em povos antigos que estavam no apogeu de sua cultura;

b) ela se acha bastante disseminada em muitos povos selvagens e primitivos, e costuma-se limitar o conceito de degeneração à alta civilização (I. Bloch); mesmo entre os povos civilizados da Europa, o clima e a raça tiveram a mais forte influência na difusão e na atitude ante a inversão.<sup>8</sup>

8 No entendimento da inversão, a abordagem patológica foi substituída pela antropológica. Tal mudança foi mérito de Iwan Bloch (*Beiträge zur Ätiologie der Psychopathia sexualis* [Contribuições à etiologia da psicopatia sexual], 2 partes, 1902-3), que também ressaltou o fato da inversão nos povos cultos da Antiguidade.